

**ANTÔNIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUSA – UMA FÊNIX RENASCIDA PELO AMOR À LITERATURA**

Prof<sup>a</sup> Me. Noêmia Coutinho Pereira Lopes  
Colégio São Mateus  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Generosa Ferreira Souto  
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes

**Resumo:** O presente artigo é parte de uma discussão maior que será apresentada em minha dissertação de mestrado, intitulada “*O filho do pescador*, de Teixeira e Souza: um romance-folhetim”. Neste artigo, pretendemos tecer considerações sobre o autor Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa e seu contexto de produção. Tendo o referido autor nascido em meio a um contexto político conturbado (1812) – sua paixão pelo fazer literário foi sua força motriz, impulsionando-o a ressurgir das cinzas a cada vez que os reveses em sua vida pareciam querer afastá-lo das letras. Como uma fênix, Teixeira e Sousa pode ser considerado um exemplo de perseverança e amor pela literatura, e mesmo não apresentando o mesmo refinamento de seus contemporâneos, deixou sua marca e contribuição na construção do leitor e da literatura brasileira na primeira metade do século XIX.

**Palavras-chave:** fênix – sociedade – folhetim – Teixeira e Sousa

**Abstract:** The present article is part of a larger discussion that will be presented in my Master's thesis entitled “*O filho do pescador*” by Teixeira e Souza: a *feuilleton*”. In this article, we intend to make some considerations about author Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa and his production context. Being born in the midst of a troubled political context (1812) –his passion for literature was his driving force, urging him to rise from the ashes each time the setbacks in his life seemed to want him away from letters. Like a phoenix, Teixeira e Sousa can be considered an example of perseverance and love for literature, and despite lacking the refinement of his contemporaries, he made his mark and contribution in the construction of the reader and Brazilian literature in the first half of the nineteenth century.

**Keywords:** phoenix – society – *feuilleton* – Teixeira e Sousa

*O martírio de um poeta, isto é, de um homem eminentemente sensível que é obrigado, para não morrer à míngua, a comer às escuras a própria alma, ninguém o pode entender senão quem o passa. (Minerva Brasiliense)*

Traçar um perfil biográfico de um contemporâneo não é uma tarefa fácil. São necessárias várias incursões ao universo do biografado e, ainda que se obtenha um *corpus* significativo, muito provavelmente apenas tangenciará a totalidade de quem está sendo pesquisado. Trata-se de híbrido de quebra-cabeça com jogo de xadrez. São várias peças e uma lógica para se encaixá-las. “Começar o começo”, é, pois, a parte mais difícil. E, no caso de uma jornada de volta ao passado, o risco é muito maior, tendo em vista que, distantes no tempo e no espaço, as

peças desse quebra-cabeças parecem se multiplicar, bem como as lacunas que se formam.

Nesta comunicação, propomo-nos discorrer acerca de um autor que julgamos merecer ser melhor pesquisado: Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa. Não é nosso objetivo aqui apresentar a vida de Teixeira e Sousa em seus mais intrigantes detalhes, mesmo porque, muito provavelmente incorreríamos no problema supracitado com relação às lacunas, tendo em vista o lapso de tempo que nos separa. No entanto, chama a nossa atenção o fato de um autor como ele e sua relevância para o cenário literário brasileiro ter sido mergulhado nas cinzas do esquecimento, como a fênix que aguarda seu momento de voltar à luz.

Quando pretendemos estudar um determinado período literário, faz-se necessário buscar reconstruir, ao menos, o contexto em que este está inserido e problematizar as hipóteses que podem tê-lo conduzido para o desfecho que alcançou ou, ao menos, o desfecho que conhecemos através do resultado das pesquisas dos estudiosos que se debruçam nesse processo de revisitar o passado, uma verdadeira arqueologia.

Um aspecto interessante é pensar o autor a partir do mito da fênix. Tendo superado vários reveses em sua vida, Teixeira e Sousa ressurgiu após cada um deles. Entretanto, faz-se necessário, problematizar o fato de o referido autor se encontrar em um patamar inferior aos seus contemporâneos e quais os interesses o colocaram nesse lugar.

Numa época em que o governo buscava construir um ideal de nação pós-independência, muito pode ter sido censurado, boicotado ou mesmo ignorado por quem estava no poder. Porém, é importante lembrar que não só os grandes liam. A pequena parcela da população alfabetizada buscava na leitura informação, entretenimento e padrões a serem imitados. Afinal, era uma nova classe social que se elitizava e demonstrar conhecimento, principalmente nos grandes saraus ou rodas de conversa era também uma questão de *status*. Tendo em vista a ascensão da burguesia, era importante para as famílias frequentarem a “boa sociedade” e, durante esses encontros, lia-se, ouvia-se música e falava-se da política.

Assim, textos foram publicados, histórias lidas e relidas, capítulos cobiçados. Entre os que liam, autores brilhavam com suas histórias cheias de reviravoltas,

muitas vindas direto da Europa ou então traduzidas no Brasil. Bem acabadas ou não, fizeram sucesso porque apresentavam enredos envolventes, dinâmicos. Eram textos produzidos para um público definido, veiculados em folhetins, a grande sensação da época, de grande repercussão nacional. Fazer parte da lista dos mais lidos era o objetivo da maioria dos escritores que pretendiam fazer carreira nesse cenário, dentre eles se encontra Teixeira e Sousa.

De acordo com a pesquisadora Marlyse Meyer, no começo da década de 1840, os folhetins se tornaram um grande atrativo para alavancar as vendas dos jornais. Tratava-se de uma literatura comercial, promessa também de reconhecimento para os autores que dela passassem a fazer parte. Ainda segundo Meyer,

(...) aderem todos à novidade que pode, quando agrada, provocar uma explosão de assinaturas; numa verdadeira guerra, disputam a preço de ouro os melhores folhetinistas. Foi por exemplo o muito conservador *Journal des Débats* que levou a melhor e publicou, apesar de “perigoso”, *Os mistérios de Paris!* (MEYER, 2005, p.59)

Essa nova forma de escrever conquistou também o público brasileiro. Diante dessa oportunidade, Teixeira e Sousa se entrega à escrita dos folhetins - uma febre nacional na primeira metade do século XIX, com destaque para seu *O filho do pescador*, publicado em 1843.

Nascido em Cabo Frio, em 28 de março de 1812, filho de pai português, Manoel Gonçalves e mãe negra, Ana Teixeira de Jesus, Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, apesar de sua origem humilde, teve uma infância tranquila. Mais velho e preferido<sup>1</sup> dentre os cinco filhos do casal, Teixeira e Sousa, viu seus esboços de sonhos quase se esvaírem após os rumos que os acontecimentos políticos tomaram no Brasil de então. De acordo com Hebe Cristina da Silva,

A vida de Teixeira e Sousa passou por mudanças drásticas quando ele tinha dez anos, pois as biografias descreveram a situação de miséria a que Manoel Gonçalves ficou reduzido a partir de 1822. Como muitos negociantes não reconheceram a Independência do Brasil e retornaram a Portugal, ele precisou liquidar sua casa comercial para sanar prontamente as dívidas que possuía com alguns credores lusos da época condição financeira da família agravar-se com a proclamação da independência do Brasil. (SILVA, 2012, p. 19)

---

<sup>1</sup> Joaquim Norberto de Sousa Silva, 1876, apud Hebe Cristina da Silva.

Dividindo-se entre o trabalho e a leitura, vê sua família se esvaír. Perde os irmãos e o pai e, vendo-se sozinho - não há muitas informações sobre a data de falecimento da mãe<sup>2</sup> -, retoma os estudos com os poucos bens herdados. Tantos reveses fizeram com que tivesse “algo de romântica a vida do criador do romance brasileiro.”, conforme declarou José Veríssimo (VERÍSSIMO, 1981, p. 160).

Entretanto, trocar a oportunidade de crescer intelectualmente pela necessidade de aprender um trabalho manual alimentou em Teixeira e Sousa sua vontade de renascer das cinzas dessa condição miserável que passou a ter e o desejo de ver seu nome inserido no cenário nacional, juntamente com os beneméritos da nação, acabou por alimentar seu sonho, uma vez que ele nunca desistiu da literatura. De posse dos recursos parcos que herdara, retoma seus estudos. Alguns de seus conhecidos na época “quiseram financiar seus estudos” (SILVA, 2012, p. 22) a fim de que ele se tornasse médico, ao que ele recusou, tendo em vista sua grande paixão pela literatura.

Liga-se ao tipógrafo, livreiro e fundador de *A Marmota Fluminense*, Francisco de Paula Brito - o mesmo que também abriu as portas a Machado de Assis, ainda um aprendiz. Nasce então, uma grande amizade. Figura importante em sua época, Paula Brito “nascido no Rio de Janeiro, de gente de cor e humilde, chegou-lhe a puberdade e juventude em pleno movimento da independência e estabelecimento da monarquia” (VERÍSSIMO, 1981, p. 160), apadrinha Teixeira e Sousa e com ele estabelece algumas parcerias.

Dessa forma, Teixeira e Sousa procurou se equilibrar entre sua criatividade inspirada na realidade em que estava inserido e o contexto político da época. O importante era ganhar dinheiro e entre as opções, escrever para o público pareceu-lhe a mais tentadora.

Morre em 1º de dezembro de 1861, aos 49 anos, vítima de infecção pulmonar. Porém, ainda hoje propõe a seus leitores, sejam eles críticos literários ou apenas apreciadores de nossa literatura, um olhar atento para seu fazer literário. Afinal, como classificar um texto como o precursor do Romantismo no Brasil num momento em que se decidiam o que seria modelar?

---

<sup>2</sup> De acordo com Hebe Cristina da Silva, em sua pesquisa para a tese de doutorado, pouco se sabe a esse respeito. Localizou apenas um autor, Moreira de Azevedo, que menciona sobre o falecimento da mãe de Teixeira e Sousa durante a crise financeira que a família passou, em 1822.

Ao longo de sua carreira, entre 1841 e 1855, Teixeira e Sousa publicou 14 obras, sendo as seguintes poesias: Cânticos Lírico (1841 – 1842); Os três dias de um noivado (1844) e; A independência do Brasil (1847 – 1855). No que tange ao universo do teatro, as publicações foram Cornélia (1844); O cavaleiro teutônico ou A freira de Marienburg (1855). Quanto aos romances, temos O filho do pescador (1843); As fatalidades de um pintor *ou* As intrigas de um jesuíta (1847); Gonzaga *ou* A conjuração de Tiradentes (1852 – 1853) e A Providência (1854). Ainda tem-se as seguintes publicações: As mensageiras de amor (1851) e A sorte (1851). Veiculadas nos jornais da época, essas produções chegavam ao leitor como forma de entretenimento.

Para nossas análises, faremos um recorte na obra de Teixeira e Sousa, propondo voltarmos nosso olhar para o livro *O filho do pescador*, de 1843. E, embasando-nos nessa obra, teceremos nossas considerações sobre o autor.

### **Teixeira e Sousa: uma fênix renascida**

A vida de Teixeira e Sousa não foi fácil, como já mencionado. Tendo nos acontecimentos políticos da época uma reviravolta em sua vida, Teixeira e Sousa, ainda criança, vê-se diante de um conflito interior: como abandonar uma paixão sem ao menos saber se esta poderia se realizar? Tratava-se de seu interesse pelo universo das palavras que já o seduzia. Seu pai, comerciante, sofreu com a condição a que sua família fora reduzida após a proclamação da Independência do Brasil. Na época, “muitos negociantes não reconheceram a Independência do Brasil e retornaram a Portugal” (SILVA, 2012, p. 19). Assim, foi preciso pagar as dívidas que tinha com os credores e para isso, Manoel Gonçalves vendeu o que tinha em seu estabelecimento comercial, ficando em dia com seus credores, no entanto, mergulhado em uma profunda escuridão de sentimentos.

Em meio a esse turbilhão, sem recursos que pudessem prover o sustento da família, foi obrigado a tomar uma decisão difícil: instruir os filhos para que fossem capazes de garantir seu próprio sustento. No entanto, para isso, era preciso se distanciar de cada um, encaminhando-os para um futuro incerto, em casa alheia, mas com o grande objetivo de não deixar à míngua a família.

Ao ainda muito jovem Teixeira e Sousa foi então destinado o ofício de carpinteiro. Também um artista, profissão digna, reconhecida e que transforma a matéria bruta em belos objetos, mas não era para esse fazer que Teixeira e Sousa gostaria de destinar suas mãos. Sem alternativa, foi preciso deixar suas aulas de Latim e trocar papel e lápis por madeira, serrote e pregos. A cada martelada, que parecia encaminhá-lo para longe da sedução das palavras, mais o fazia não querer desistir. Sempre indo em frente, enfrentando os percalços com coragem, o referido autor se vê em um lugar onde não se encontra e do qual pretende sair: os livros ainda o seduzem.

Após a morte do pai, e dos demais irmãos, Teixeira e Sousa abandona a carpintaria e retoma seus estudos. O escritor que nele havia adormecido acorda com tamanha sede de libertar suas asas que Teixeira e Sousa só consegue encontrar seu eu em meio a livros. Empregado na tipografia de Paula Brito, mergulhado no universo das palavras, a fênix quer mais uma vez brilhar.

Claro que ainda em início de carreira, os textos de Teixeira e Sousa não chamam a atenção do público leitor. Era preciso lapidar melhor seu fazer literário. Leituras, conversas e tentativas apresentaram o autor a um mundo um pouco mais complexo do que aquele que ele imaginava para si. Alçar voos entre os mais afamados escritores da época não parecia ser tão fácil. Mais um desafio na vida de Teixeira e Sousa passa a se delinear: o que era preciso escrever para conquistar o gosto dos leitores da época e passar a pertencer ao seleto grupo de *iluminados* (grifo nosso) que gozavam também do respeito de autoridades da época?

Teixeira e Sousa inicia sua carreira escrevendo poesias. De acordo com SILVA, em “Lede e acredita!”, prefácio do primeiro volume dos *Cânticos Líricos* (1841), o autor “informou aos leitores as condições em que produzia as poesias que vinham a lume, solicitando que fossem benevolentes na apreciação de seus ‘suspiros de mancebo’. (SILVA, 2012, p. 21-22). Ainda vivendo seu luto, suas cismas poéticas apresentavam-se melancólicas, solicitando ele da piedade dos leitores.

Para o biógrafo Joaquim Norberto de Sousa e Silva está claro que Teixeira e Sousa trabalhou para sua subsistência, enfrentando dificuldades a fim de se

dividir entre seu fazer literário e o trabalho na tipografia de Paula Brito. Segundo SILVA<sup>3</sup>, o biógrafo discorreu sobre o referido autor com admiração:

(...) E admira como ele compunha no meio de interrupções de toda a casta, da conversa dos amigos e da exigência dos que o procuravam, para o objeto de negócio, por detrás do balcão, que era onde colocara sua secretária.  
Apesar de escritor fecundo, romancista imaginoso, poeta inspirado, mal podia Teixeira e Sousa subsistir dos frutos de seu talento. Batalhava como sempre, dia por dia, contra a adversidade. O triunfo de hoje era a derrota do dia seguinte. (SILVA, 2012, p. 22-23)

Faz-se sempre importante ressaltar que o país passava por um momento de turbulência no que tange aos assuntos políticos. Recém saído do estado de colônia para a realidade de uma nação, com todos os problemas e demais incertezas advindas do novo contexto, havia muita insegurança em se mostrar na íntegra. Afinal, que país era esse que estava tentando se delinear como independente? Havia o imperador, Pedro II, e foi a esse que Teixeira e Sousa buscou causar impacto e, quem sabe assim, garantir que não mais se encontrasse em situação de penúria.

Parafraseando a ideia já consagrada por Luis Vaz de Camões, quando da escrita de *Os Lusíadas* cuja dedicatória foi endereçada ao rei D. Manuel, para sua infelicidade, Teixeira e Sousa também não conseguiu alcançar a glória pretendida. O resultado de seu esforço foi apenas uma ajuda financeira para publicar seus textos. Objetivando ser nomeado para um cargo público após a publicação de seu poema nacionalista, Teixeira e Sousa mais uma vez se decepcionou com o *prêmio* (grifo nosso) que lhe foi concebido: no lugar de trabalhar no Ministério da Fazenda, foi nomeado para Guarda da Alfândega. Mais uma vez, a tão almejada fama acenava de longe a Teixeira e Sousa. No entanto, essa fênix não queria mergulhar nas cinzas do esquecimento e prepara um novo renascer, associando-se a Paula Brito, este que novamente lhe estende a mão, agora como sócio de uma tipografia e de um estabelecimento comercial em que se vendiam materiais para escritório.

De acordo com VERÍSSIMO, “Não é, porém, como poeta que Teixeira e Souza<sup>4</sup> tem um lugar nesta geração e nesta História, mas como o primeiro escritor

---

<sup>3</sup> SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. “Notícia sobre Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa”. In: Revista do IHGB, XXXIX-1. Rio de Janeiro, 1876, p. 207 APUD Hebe Cristina da Silva.

brasileiro de romance, portanto o criador do gênero aqui.” (Veríssimo, 1981, p. 162) Assim, mais um novo mergulho nas cinzas sem o reconhecimento pretendido, no entanto, agora em meio a papéis, contatos e conhecimento. Como não negar que Teixeira e Sousa estava fadado a ter seus textos ignorados? Contudo, algo nos chama a atenção: em meio a tantas reviravoltas em sua vida, Teixeira e Sousa se descobre forte e passa a adotar, com mais afinco, essa estratégia de escrita em seus textos – os chamados folhetins, tema que está sendo desenvolvido em minha dissertação de mestrado.

Observando-se as datas, verificaremos que Teixeira e Sousa já havia produzido outros textos. Equilibrando-se entre sua paixão pelas palavras e a necessidade de se sustentar, esse autor ao passo que buscava reconhecimento do governo, buscou também sucesso entre o público leitor. Era preciso ficar atento às conveniências do contexto político em que o Brasil estava mergulhado, tornar-se amigo de outros literatos – o que foi muito profícuo tendo em vista os frequentadores da tipografia de Paula Brito - e buscar um trabalho que lhe rendesse um pouco mais a fim de que pudesse se dedicar com mais tranquilidade à literatura.

Casa-se em 1846 e logo os filhos enchem sua casa. Com sete bocas para sustentar, “depois do matrimônio, conciliar a subsistência e atuação como escritor tornou-se uma grande dificuldade.” (SILVA, 2012, p. 24). Dessa forma ele se justifica por não apresentar a seu leitor um texto tão bem acabado quanto gostaria, “devido à necessidade de desenvolver outras atividades para prover o sustento da família, não pôde dedicar-se ao aperfeiçoamento de suas habilidades literárias e ao aprimoramento de sua obra.” (SILVA, 2012, p. 25).

Três anos mais tarde, em 1849, tornou-se professor, ministrando aulas na educação primária. Muda-se com sua família para próximo ao local de trabalho, recebendo, além do pagamento, uma casa para se estabelecer. Prover o sustento da família fez com que Teixeira e Sousa aceitasse essa oportunidade, deixando, dessa forma, a sociedade com Paula Brito, mas jamais a amizade que tinha por esse. Novamente a fênix quer renascer.

Somente em 1855 obteve um cargo que lhe trouxesse um pouco mais de estabilidade e reconhecimento. Deixando as aulas na educação primária, Teixeira

---

<sup>4</sup> José Veríssimo usa a grafia Souza com “Z” e não com “S”.



e Sousa é nomeado como Escrivão da Primeira Vara do Juízo do Comércio da Corte. Cargo de nome pomposo, exercido até o final de sua vida, em 1º de dezembro de 1861. A nomeação foi momento de grande comemoração uma vez que a nova situação lhe ajudou a quitar dívidas antigas, garantir uma melhor educação aos filhos e gozar de uma velhice mais tranquila.

Continuou seu relacionamento de amor para com as letras, às vezes em tom melancólico, talvez por, no fundo, resignar-se pelas glórias que não alcançou. A notícia de seu falecimento consternou a todos e várias foram as publicações em periódicos da época sobre o fato. Em sua pesquisa para tese de doutorado, Hebe Cristina da Silva destacou as notas publicadas em *A Marmota*, na *Revista Brasileira*, no *Correio Mercantil* e no *Diário do Rio de Janeiro*, louvando as qualidades morais de Teixeira e Sousa. Transcrevemos abaixo as palavras publicadas por Paula Brito sobre o falecimento de seu amigo:

Nunca se passou o – Dia 02 de dezembro – dia de nosso triste aniversário, sem que Teixeira e Sousa estivesse ao lado desse amigo, a quem prezava como a si próprio, no centro dessa família que ele amava como a sua: uma vez, porém, uma única vez isto tinha de acontecer e aconteceu – foi ontem; porque ontem ele já não existia.

Poucos, mas sinceros amigos, estiveram presentes ao ato do seu enterramento; entre eles o Sr. Cônego Dr. L. C. Fernandes Pinheiro, que era dele inseparável, e o seu Juiz, o Sr. Dr. João Batista Gonçalves Campos.

Tudo o que disséssemos a respeito do nosso amigo, do nosso irmão, seria pouco para nós, que tão intimamente o conhecíamos, e suspeito talvez para os que têm como certo que a amizade fascina, ainda mesmo àqueles para quem a verdade é um *evangelho*, e por isso, abstando-nos de quanto poderíamos dizer, registraremos nas colunas da *Marmota*, que ele tantas vezes preferiu para publicidade de suas produções, tudo o que a respeito dele for publicado e chegar ao nosso conhecimento. Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa viveu e morreu pobre! Deixa seis filhos, dos quais o mais velho tem 12 anos e o mais moço três! (BRITO, 1861 apud SILVA 2012)

Deixava Teixeira e Sousa sua família e amigos, alguns desses, consagrados na época, como Joaquim Manuel de Macedo e Manuel Antônio de Almeida. Fazendo parte do contexto social, político e econômico dos meados do século XIX, o escritor cabofriense, que enfrentou tamanhas dificuldades e buscou renascer após cada golpe que a vida lhe pregara, deixou sua contribuição não somente como homem de letras, mas também sobre como uma paixão pelas palavras e fazer literário pode mover alguém, apesar dos tropeços de sua escrita.

**REFERÊNCIAS:**

- ADORNO, Theodor W. *O ensaio como forma*. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 3.ed. São Paulo, Cultrix,
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. De Cleonice Paes Barreto Mourão & Consuelo Fortes Santiago. 2. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. Tomo Terceiro – Transição e Romantismo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.
- SILVA, Hebe Cristina da. *Considerações acerca da recepção de O filho do pescador, de Teixeira e Sousa*. São Paulo: Unicamp. 2012.
- SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira. *O filho do pescador*. Rio de Janeiro: Artium, 1997.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Historiografia Literária Brasileira*. *Jornal Opção*, setembro de 2012. Disponível em <http://www.jornalopcao.com.br/posts/opcao-cultural/historiografia-literaria-brasileira>. Acesso em 20 de dezembro de 2012.
- TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.